

DANTE E OS TEMPLÁRIOS: A FALÊNCIA DA JUSTIÇA DOS HOMENS**DANTE Y LOS TEMPLARIOS: LA FALSEDAD DE LA JUSTICIA DE LOS HOMBRES****DANTE AND THE TEMPLARS: THE COLLAPSE OF HUMAN JUSTICE****SUZANA YOLANDA MACHADO CÁNOVAS¹**

RESUMO: Dante Alighieri nasceu em Florença (1265) e morreu em Ravenna (1321). Por questões políticas, o poeta foi exilado de Florença (1302), e jamais pôde retornar a sua cidade natal. Dante Alighieri imortalizou-se com sua *Commedia*, rebatizada por Giovanni Boccaccio (1313-1375) como *Divina Commedia*. Este artigo tem como objetivo demonstrar que, na *Commedia*, está presente, de maneira velada, a ligação do autor florentino com os Templários. A partir dessa premissa, estabelecemos um diálogo entre a falência da justiça temporal, que, movida por interesses escusos, exterminou a Ordem do Templo, e a presença da justiça divina que emana da *Commedia*, corrigindo as iniquidades desse acontecimento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: : Dante Alighieri; *Commedia*; Templários; direito humano; justiça divina.

RESUMEN: Dante Alighieri nació en Florencia (1265) y murió en Ravenna(1321). Debido a problemas políticos,el poeta fué proscrito de Florencia (1302),y nunca más volvió a su ciudad natal Dante Alighieri se inmortalizó con su *Commedia*,que después Giovanni Boccaccio (1313-1375) le antepuso la palabra “divina”, quedando, a partir de ahí con el nombre de *Divina Commedia*. Este artículo objetiva demostrar que, en la *Divina Commedia*, se presenta, de manera latente,el vínculo del poeta florentino con los Templarios. A partir de este presupuesto,establecemos un diálogo entre la falsedad de justicia temporal,que,motivada por intereses ilícitos, exterminó la Orden del Templo,y la presencia de la justicia divina que nace de la *Commedia*,reparando las iniquidades de ese acontecimiento histórico.

PALABRAS CLAVE: Dante Alighieri; *Commedia*;Templarios; derecho humano;;justicia divina.

ABSTRACT: Dante Alighieri was born in Florence(1265) and died in Ravenna (1321). For political reasons, the poet was exiled from Florence (1302) and could never return to his hometown. Dante Alighieri immortalized himself with his *Comedy*, which was rebaptized by Giovanni Boccaccio (1313-1375) as *The Divine Comedy*. This article aims at demonstrating that, in the *Comedy*, in a hidden way, there is a relationship between the Florentine poet and the Templars. Based on this premise, one can establish a dialogue between the collapse of temporal justice, which, moved by suspicious interests, ended with the Order of the Temple, and the presence of divine justice, which emanates from the *Comedy*, correcting all the inequities of this historic moment.

KEYWORDS: : Dante Alighieri; *Comedy*; Templars; human right; divine justice.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Metre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande Sul. Graduada em Letras na Faculdade Porto -Alegrense de Educação Ciências e Letras (FAPA). Professora aposentada da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando na Área da Literatura. Goiânia (GO), Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9052844036518506>. E-mail: sylmcanovas@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Dante Alighieri nasceu em Florença (1265) e morreu em Ravenna (1321). Por questões políticas, o poeta foi exilado de Florença (1302) e jamais pôde retornar a sua cidade natal. Dante Alighieri immortalizou-se com sua *Commedia*, rebatizada por Giovanni Boccaccio (1313-1375) como *Divina Commedia*. Entretanto, é importante não desmerecer o conjunto de sua obra, escrita tanto em latim como em vernáculo.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que, na *Commedia*, está presente, de maneira velada, a ligação do poeta florentino com a Ordem do Templo. A partir dessa premissa, estabelecemos um diálogo entre a falência da justiça temporal, que **exterminou** os Cavaleiros do Templo, e a presença da justiça divina que emana da *Commedia*, corrigindo as iniquidades desse acontecimento histórico.

A condenação da Ordem foi motivada pela ganância de Filipe IV, rei da França. O monarca aliou-se ao papa Clemente V para exterminá-los, juntamente com o auxílio da Inquisição. Esse fato ecoa em passagens da obra magna de Dante Alighieri, onde relata uma viagem aos reinos do além-morte, em que o próprio autor é convertido em personagem, a quem é concedido o privilégio de presenciar os castigos ou prêmios atribuídos por uma justiça divina aos seres humanos em virtude dos seus merecimentos.

Tendo em vista esses aspectos, nos centramos, primeiramente, nos direitos adquiridos pelos Templários junto ao papado e, a seguir, nas subsequentes perseguições de que foram vítimas. Posteriormente, **nos** voltamos para a *Commedia*, onde, na figura de São Bernardo de Clairvaux, eles são agraciados com a contemplação de Deus.

2 QUEM ERAM OS TEMPLÁRIOS?

A Ordem era chamada de Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão ("*Paupers commilitones Christi Templique Salomonici*"), mas também era conhecida como Cavaleiros Templários, Ordem do Templo ou simplesmente como Templários. A designação "Pobres Cavaleiros de Cristo" deve-se ao fato de terem **feito voto de pobreza e afirmado fé em Jesus Cristo**. Eles **são chamados** de "Templários" em decorrência do local em que primeiramente foram estabelecidos por Balduíno II, rei de Jerusalém – no Monte do Templo –, onde se dizia ter existido o Templo de Salomão e atualmente se ergue a Mesquita de Al-Aqsa, na parte antiga da cidade de Jerusalém. Essa mesquita recentemente foi vítima de um incêndio, de pequenas proporções, no mesmo instante em que a Catedral de Notre Dame de Paris era atingida pelas chamas, causando imensa comoção no mundo ocidental.

Os Templários usavam uma túnica branca com uma cruz vermelha, faziam voto de pobreza e castidade, possuíam surpreendente vocação para o martírio e tinham uma profunda devoção à Virgem Maria. Esses monges guerreiros formavam uma espécie de exército religioso, que tinha por objetivo combater os muçulmanos, e **surgiu para** proteger Jerusalém após a conquista da cidade no século XII, pelas Cruzadas. Eles se constituíam em protetores do caminho dos peregrinos para a Terra Santa, que, na época, era alvo de salteadores.

Jonathan Black enfatiza a importância da cidade de Jerusalém para as três religiões monoteístas da humanidade: “no final do século XII e começo do XIII, toda história era **história** sagrada, e tanto para os judeus como para os cristãos e muçulmanos, o destino de Jerusalém se assentava no coração da história” (2013, p. 52). E acrescenta que esse era o local onde

Adão e Eva tinham vivido, onde o espírito tinha-se feito carne, onde Abraão, o pai das religiões, tinha decidido sacrificar Isaac. Foi onde Salomão construiu um templo contendo o Santo dos Santos para ser a casa de Deus, onde setenta anos depois da destruição do templo, em 586 a.C., Zorobabel o reconstruiu de acordo com uma visão do profeta Ezequiel². Jerusalém era o lugar em que ocorreram os grandes eventos da vida de Jesus. Era o lugar do famoso voo de Maomé pelos céus. (2013, p. 52)

Black assegura que se trata, evidentemente, tanto de uma história **espiritual** como de uma geografia espiritual e chama a atenção para o fato de os mapas medievais situarem Jerusalém no centro do mundo. Salientamos que Dante Alighieri, quando concebeu a cosmologia da *Commedia*, de acordo com a concepção de Ptolomeu, apresentou a Terra imóvel no centro do universo e estabeleceu os seguintes pontos cardeais: Jerusalém ao norte, sobre o grande abismo do Inferno; ao sul, **nos** antípodas de Jerusalém, a Montanha do Purgatório; a leste, o Rio Ganges; a oeste, o Estreito de Gibraltar ou Colunas de Hércules.

Bernardo de Clairvaux tornou-se um defensor do ideal templário e foi o responsável por fazer chegar ao papa Honório II a informação sobre o objetivo dos Templários e, com isso, buscar o reconhecimento e o apoio da Igreja Católica. O encontro com o papa ocorreu no Concílio de Troyes, em janeiro de 1128. O abade de Clairvaux conseguiu não apenas o reconhecimento da Igreja, mas também ficou encarregado de escrever a regra que os guiaria.

A regra da Ordem do Templo, submetida ao papado, possui como divisa um trecho extraído do livro dos Salmos (Sl. 115, 1): “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (*Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo ad gloriam*). A regra estava dividida em setenta e dois capítulos, distribuídos em sete seções: I. A regra primitiva; II. Os estatutos

² Ezequiel 40-48.

hierárquicos; III. Penitências; IV. Vida Monástica; V. Capítulos comuns; VI. Maiores detalhes de penitências; e VII. Recepção na Ordem³.

Os Templários acumularam grande fortuna em decorrência de doações de terras, castelos e outros bens. Além disso, devido a sua força militar, seus membros se transformaram em verdadeiros banqueiros na época, coletando e transportando riquezas da Europa para a Terra Santa. A perda definitiva que o cristianismo sofreu do local sagrado deu-se em 1291, decorrendo daí o fato de os Templários não terem mais razão de existir.

Além disso, o poder desses monges despertou a intolerância da Igreja Católica, de nobres e de reis, que se sentiram ameaçados. Em decorrência da atuação de Filipe, o Belo, foi ordenado o confisco dos bens da Ordem e a sua extinção.

3 A PROTEÇÃO PAPAL E A SUBSEQUENTE FALÊNCIA DA JUSTIÇA TEMPORAL

Jacques Le Goff esclarece que, quando se fala em Direito, imediatamente nos remetemos para o direito romano, fortemente presente no Ocidente. É por essa razão que o Direito, na civilização medieval, é subestimado. Segundo o autor, isso se deve ao fato de que “o direito romano se impõe como um direito *escrito*, enquanto que o direito medieval *repousa sobre* costumes e tradições *orais*” (2005, p. 162, grifos do autor).

É somente a partir do século XII que esse direito consuetudinário passa a existir por escrito: “Os poderes pré-estatais, as monarquias em via de instalação têm necessidade de textos como referências, em particular de um bom conhecimento dos diversos *costumes* próprios de cada região, cidade e aldeia” (Le Goff, 2005, p. 162, grifo do autor). O autor, apoiado em Gabriel Le Bras, declara que essa ordenação coincide com o surgimento do direito canônico (do grego *kánon*, “que serve de regra”), o qual regula o funcionamento da Igreja e suas relações com a sociedade. Segundo Le Goff,

Havia muito tempo a Igreja dispunha de referências necessárias para a organização do direito canônico: textos dos Padres, documentos pontifícios, as decretais antigas, frequentemente falsas. Era portanto indispensável dar uma ordem a isso, acabar com as contradições, estabelecer princípios. Empenhou-se nessa obra por volta de 1140 um monge ou nela se empenharam muitos monges de Bolonha –a tradição fala de um certo Graciano –, produzindo a *Concordia discordantium canonum*, a “concordância” (conciliação) dos textos contraditórios. (2005, p. 162-163)

³ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_dos_Templários. Acesso em: 10 maio 2019.

Le Goff diz tratar-se de uma espécie de antologia “realizada a partir de milhares de textos jurídicos saídos de diversas fontes” (2005, p. 163). Esses textos selecionados constituem um notável trabalho, que ficou conhecido como *Decreto de Graciano*, e representava “um esforço para responder às questões sobre as quais as autoridades pareciam divergir” (2005, p. 163).

O autor citado chama a atenção para o fato de esse documento se constituir em decreto, o que, na época, significava “uma decisão emanada do poder” (2005, p. 163). Assim, o período medieval apoia-se no Direito, cujo desenvolvimento “acompanha também a emergência das monarquias” (2005, p. 164). No reinado de Filipe, o Belo, por exemplo, existiram legiões de “legistas do rei” (2005, p. 164).

Segundo o pesquisador, o espírito jurídico não é estranho à instituição da Inquisição, cuja obsessão consiste em erradicar a heresia, acrescentando que, quando “Gregório IX (que reinou de 1227 a 1241), ele próprio um jurista, faz da Inquisição o principal instrumento do papado em sua luta contra a heterodoxia, paradoxalmente, consagra o triunfo do Direito” (2005, p. 165).

O herege comete, de acordo com Le Goff, “um duplo crime de lesa-majestade: ofende a majestade divina, mas também a majestade do poder, religioso e leigo” (2005, p. 166). Não apenas são considerados hereges os casos em que alguém se volta contra os dogmas do cristianismo, mas também são perseguidos e executados os que ousam se voltar contra o poder. Essa obsessão constitui um dos períodos mais sombrios do cristianismo medieval.

Tendo contextualizado, ainda que sucintamente, a questão do direito medieval, nos voltamos para a questão dos Templários – o reconhecimento e benefícios que receberam do papado e a subsequente perseguição de que foram vítimas.

Os Templários foram beneficiados com diversas bulas papais. A bula pontifícia, cujo nome é oriundo do latim *bullā* (círculo), é um documento selado com o timbre papal, de formato arredondado. Uma bula tem força de lei eclesiástica, onde a palavra do Sumo Pontífice se manifesta sobre determinado assunto administrativo da Igreja, seja ele religioso ou político. Por meio de uma bula, também se concedem graças e indulgências aos que praticam, segundo o olhar da Igreja, algum ato meritório.

Ao longo do tempo, foram editadas diversas bulas, nas quais o pontífice se pronunciava a respeito dos Templários, tais como: *Omne Datum Optimum*, datada de 29 de março de 1139, promulgada pelo papa Inocêncio II, em que se manifestava sobre o reconhecimento da Ordem dos Templários; *Milites Templi*, de 9 de fevereiro de 1143, promulgada por Celestino II, que abordava a garantia de privilégios concedidos aos Templários; *Militia Dei*, de 7 de abril de 1145, promulgada por Eugênio III, que tratava da garantia de mais privilégios concedidos aos Templários; *Dilecti Filii*, de 1198, promulgada por Inocêncio III, que revisava a *Militia Dei* com a finalidade de resolver um conflito entre o clero e a Ordem do Templo; *Pastoralis*

præminentia, de 22 de novembro de 1307, promulgada por Clemente V, que ordenava a todos os reis cristãos que detivessem os membros da Ordem do Templo e sequestrassem os seus bens; *Fasciens misericordiam*, de 12 de agosto de 1308, promulgada por Clemente V, que era parte do julgamento contra os Templários; *Vox in excelso*, emitida em 3 de abril de 1312 por Clemente V, que dissolvia formalmente a Ordem dos Templários; *Ad providam*, de 2 de maio de 1312, que transferia para a Ordem dos Hospitalários (ou Ordem de São João de Jerusalém) os bens e as terras da Ordem do Templo; *Considerantes Dudum*, de 6 de maio de 1312, promulgada por Clemente V, que decidia a sorte dos Templários, estabelecendo sua situação jurídica em três categorias⁴.

Filipe, o Belo, que havia exaurido a riqueza da Corte em decorrência do luxo e de gastos com diversas guerras contra os ingleses, beneficiou-se de um empréstimo concedido pelos Templários após tentativas infrutíferas de obter dinheiro em outras fontes. Para não ressarcir o empréstimo, optou por lhes confiscar os bens. Para tanto, tramou contra eles uma violenta perseguição com a ajuda do papa Clemente V. Guillaume de Nogaret (chanceler e chefe da guarda real, na corte do rei francês) e da Inquisição. O monarca dirigiu o processo contra os Templários e tomou as providências que levaram à execução de Jacques De Molay e dos principais membros da Ordem do Templo em 1314.

Os Templários têm sido objeto de muitas especulações e estão cercados de mistérios. Um deles é a crença na existência de uma regra secreta que seria conhecida apenas por um reduzido número de iniciados. Segundo Jean-François Signier e Renaud Thomazo (2008) foi apenas no século XVIII que ela se tornou conhecida, quando o

Bispo de Copenhague julga ter encontrado uma descrição dela num manuscrito conservado no Vaticano...manuscrito que deixará que seja furtado! Em 1877, é um erudito alemão, Mertzdorff, que exuma de uma loja maçônica de Hamburgo um documento que nada mais seria que a famosa regra secreta dos Templários. Os especialistas confirmaram em seguida que se tratava de documento falso, mas assim mesmo fez correr muita tinta e alimentou abundantemente a imaginação de muitos. (p. 93, grifos nossos)

A título de ilustração, transcrevemos o extrato da falsa regra secreta e herética, revelada por Metzdoiff⁵ no século XIX, que extraímos de Signier e Thomazo (2008, p. 93):

Art.5.6.7. Como é necessário assegurar-se acerca das pessoas aptas a receber a iniciação. Mostrar-lhes a insuficiência da regra comum, atraí-los para fora da [...] Igreja, cujo ensinamento é vazio. A Igreja não passa da sinagoga do anticristo. Os eleitos, porém, se elevam nas alturas da Verdade.

⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_bulas. Acesso em: 10 maio 2019.

⁵ O texto original é *Die Geheimstatuten des Ordens der Tempelherren*, de Th. Mertzdorff, publicado pela editora Halle, em 1877, e citado por P. A. Riffard em *l'Esotérisme* (1990).

Art. 11. Ritual de recepção dos eleitos; juramento de guardar o segredo da Ordem; a menor indiscrição será punida com a morte. O preceptor beijará o neófito sucessivamente na boca, para lhe transmitir o sopro, no peito sagrado, que comanda a força criadora, no umbigo e, finalmente, no membro viril, imagem do princípio criador masculino.

Art. 12. Ato de fé em Deus criador e em seu filho que não nasceu, não morreu, não foi crucificado e não ressuscitou.[...]

Art. 13. O neófito calcará a cruz aos pés e cuspirá nela; em seguida receberá a túnica branca com o cinto.

Art. 16. Os estatutos secretos [...] jamais serão colocados nas mãos de nenhum irmão.

Como podemos constatar, essa falsa regra, atribuída à Ordem do Templo, ataca violentamente a Igreja, chamando-a de “sinagoga do anticristo”, nega a existência histórica de Jesus Cristo e fatos de sua vida considerados incontestáveis pelo cristianismo – “não nasceu, não morreu, não foi crucificado e não ressuscitou” e declara que o neófito, em sua iniciação, deveria cumprir um ato de profanação de coisas sagradas, como cuspir na cruz e calcá-la aos pés. Há também a alusão à sodomia supostamente praticada entre eles.

A Igreja era muito poderosa em tempos medievais, quando a Inquisição não poupava os supostos “hereges” do extermínio na fogueira, daí a suprema gravidade dos artigos contidos no falso documento. Além disso, os monges guerreiros foram acusados de praticar culto a um misterioso ídolo – Baphomet, uma espécie de demônio com cabeça de bode e características andróginas.

Os Templários admitiram ter confessado muitas dessas acusações, mas assim procederam porque estavam sob tortura. Segundo Black (2009), é possível que, sob os atrozes e engenhosos suplícios infligidos pelos carrascos da Inquisição, membros da Ordem possam ter mesmo chegado a estados alterados de consciência que lhes fizesse aparecer diante dos olhos “o rei-demônio Baphomet” (2009, p. 308). Os Templários foram objeto das mais torpes acusações, motivadas pela ganância de um monarca sem escrúpulos, pois historiadores, ao longo do tempo, nada puderam provar contra eles.

Diz-se que os algozes dos Templários foram amaldiçoados por Jacques De Molay, último Grão Mestre do Templo, que, ao encaminhar-se para seu suplício na fogueira, os imprecou com as seguintes palavras: “Papa Clemente, juiz iníquo e cruel carrasco, cavaleiro Guillaume de Nogaret, e rei Filipe, antes que decorra um ano eu os convoco a comparecer perante o tribunal de Deus. Sejam malditos, vocês e sua descendência” (Signer; Thomazo, 2008, p.92).

Acaso ou cumprimento da maldição, o fato é que os três morreram no mesmo ano da execução de Jacques De Molay. Clemente V morreu no dia vinte de abril de 1314, enquanto dormia; Filipe, o Belo, a 29 de novembro de 1314, vítima de uma apoplexia cerebral, e sua

descendência teve problemas de sucessão, sendo, finalmente extinta; e Nogaret sucumbiu envenenado na terceira semana de maio de 1314.

4 DANTE ALIGHIERI E OS TEMPLÁRIOS

Na *Commedia*, Dante Alighieri imagina uma viagem aos três reinos do além-morte – Inferno, Purgatório e Paraíso – protagonizada por ele próprio, ainda em vida. Assim, o poeta se constitui em personagem, que se distingue do seu autor, assumindo aspectos ficcionais⁶.

No Canto IX do Inferno, quando se dirige ao leitor, Dante Alighieri afirma: "Ó vós que tendes o intelecto são,/ meditai na doutrina que se oculta/ nestes meus versos, sob um véu pagão" (Inf., IX, 61-63, grifos nossos). Ainda que pesquisadores tenham tentado demonstrar que por trás dos versos estranhos não havia nada, estamos convictos de que muitas coisas se ocultam na *Commedia* e que há uma ligação do autor com sociedades secretas de seu tempo como a *Fede Santa* e os *Fedeli d'Amore* e que ele fazia parte da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

Quando os Templários foram imolados em fogueiras, ficou evidente que todo o conhecimento esotérico havia se transformado em perigo. Isso justifica o fato de Dante Alighieri se expressar veladamente. Ainda que a ligação do poeta florentino com a Ordem do Templo tenha sido posta em dúvida por alguns historiadores e estudiosos de sua obra, endossamos a ideia de que ela é incontestável, devido a evidências presentes em sua obra.

Para corroborar essas evidências, no museu de Viena, no Reno, há ainda hoje uma medalha com a efígie de Dante Alighieri e as seguintes letras inscritas F S K I P F T – *Fidel Sanctae Dado Imperialis Principatus Frater Templarius*, ou seja, Fiel à Sagrada Fé, Príncipe Imperial, Irmão da Ordem do Templo. Jonathan Black afirma que "Kadosh", com o significado de "sagrado" ou "santo", é um dos títulos conferidos a Dante Alighieri, expresso no medalhão que registra sua iniciação templária (Black. 2013, p. 48).

Acredita-se que Dante Alighieri conhecia o ideal dos Templários com os quais teria convivido, uma vez que possuíam uma sede florentina em San Jacopo, no Campo Corbolini, sendo atribuída a eles a construção primitiva da igreja de San Jacopo Sopr'Arno. Os Templários de San Jacopo di Vecchio foram detidos e interrogados sob ameaça de tortura para lhes fazer confessar práticas hereges e imorais. O processo que teve início em 30 de setembro de 1311 e foi dirigido por Antonio Orsi, bispo de Cremona e Florença, e por Pietro Giudici, arcebispo de Pisa e Ravena⁷.

⁶ Chamaremos ao criador da *Commedia* de Dante Alighieri, e, ao protagonista, que vive as aventuras e, ao mesmo tempo, as relata para o leitor, pelo seu primeiro nome.

⁷ Disponível em: <https://lusophia.wordpress.com/2010/11/16/florenca-oculta-de-dante-aos-templarios-alquimistas-e-macons-por-vitor-manuel-adriao/>. Acesso em: 22 maio 2019.

Os Templários necessitavam expandir sua mensagem àqueles a quem se destinava, e para que não se perdesse ou caísse em mãos erradas, surgiu a engenhosa ideia de colocá-la de maneira cifrada por meio da arte e da arquitetura. É dessa forma que nascem duas ramificações paralelas dos Templários, a *Massenie du Sant Graal* e a *Fede Santa*.

A primeira integrava o grupo dos construtores das catedrais templárias em todo o mundo, repletas de símbolos e inscrições. À segunda pertenciam escritores, pintores e trovadores, que invadiram a Europa inteira com sua arte, e cujas mensagens passavam despercebidas para o comum das pessoas, mas entendidas pelos iniciados. A *Fede Santa* estava dividida em três secções — os escritores conhecidos como os *Fedeli d'Amore*, os pintores e os trovadores. Na Itália, no grupo de poetas pertencentes aos *Fedeli d'Amore*, cujo estilo era chamado de *Dulce Stil Nuovo*, o mais famoso era Dante Alighieri⁸.

O poeta florentino, em sua obra, nunca fez alusão a *Fede Santa*, mas os *Fedeli d'Amore* são constantemente mencionados em *Vita Nova*, seu primeiro livro, escrito entre os anos de 1292 e 1294. O *libello*, como modestamente é chamado pelo poeta, é a narrativa de uma história de amor, em que celebra sua amada, identificada por Boccaccio, o primeiro a lhe conceder uma realidade histórica, como Beatrice, ou Bice, a filha de Folco Portinari, que se casou com o banqueiro Simão de Bardi, e morreu aos vinte e quatro anos de idade.

Mircea Eliade esclarece que os *Fedeli d'Amore* constituíam uma sociedade secreta e espiritual, que tinha por finalidade o culto à Mulher, e a iniciação nos mistérios do Amor. Segundo o historiador das religiões, ainda que constituísse um movimento "de aspecto essencialmente 'literário' comportava uma gnose oculta e, provavelmente, uma estrutura iniciatória" (1984, p. 126).

Quanto à religiosidade de Dante Alighieri, sabemos que era um cristão que estava ciente da culpabilidade do papa e do rei no extermínio dos Templários. Mas é importante que seja estabelecida a diferença entre cristianismo esotérico e cristianismo exotérico. O cristianismo esotérico é conhecido como tradição joanita. Enquanto o apóstolo São Pedro é a cabeça do cristianismo, fundando a Igreja e a sucessão apostólica, São João diz respeito ao coração. Pedro representa o cristianismo externo, exotérico, e João, o interno, esotérico. Os Templários tinham especial devoção tanto por São João Evangelista quanto por São João Batista. Como Templário, Dante Alighieri também era seguidor da tradição joanita.⁹

⁸ Disponível em: <https://www.deldebbio.com.br/dante-alighieri-e-o-esoterismo-templario/>. Acesso em: 22 maio 2019.

⁹ Disponível em: <https://www.deldebbio.com.br/dante-alighieri-e-o-esoterismo-templario/>. Acesso em: 22 maio 2019.

Podemos observar, ainda, que a visão religiosa do poeta encontra eco em sua concepção política. Dante Alighieri condenou o fato de os papas se fascinarem pelo poder temporal e pela ganância, deixando claro que o mundo deveria ser governado por um único Imperador e ao Pontífice caberia dedicar-se unicamente ao mundo espiritual. Isso justifica o fato de que o Inferno está povoado de papas.

A ligação de Dante Alighieri com sociedades secretas e tradições herméticas também se torna evidente quando nos perguntamos por que elegeu Virgílio, Beatriz e São Bernardo como guias para realizar sua viagem espiritual. Virgílio, que o acompanha ao longo do Inferno e do Purgatório, é o poeta do Império e a escolha do poeta florentino defende a supremacia do Imperador no governo das coisas materiais. Beatriz é a Sapiência, que será a intermediária entre Dante e a sua visão de Deus. Isso liga o poeta aos *Fedeli d'Amore*. São Bernardo é o patrono dos Templários, com ele fará uma oração à Virgem Maria. Também a palavra “estrela” com a qual termina cada uma das partes da *Commedia*, pode ser compreendida – ainda que outras interpretações associadas a questões astrológicas possam ser feitas – como uma alusão à Virgem Maria, uma vez que a Mãe de Cristo é chamada de *Stella Maris*.

A *Commedia* é uma obra literária e, como tal, é constituída por um universo ficcional, cuja ação é protagonizada por personagens situadas em espaços específicos e num determinado tempo. Ainda que o poeta crie uma geografia que diz respeito ao além-túmulo, ela está ligada ao plano terreno, onde atuaram homens na época em que viveram.

Além disso, a ação está situada no ano de 1300. Dante Alighieri é exilado apenas em 1302, e vai escrever sua obra depois do nefasto acontecimento, trabalhando nela até o ano de sua morte. Ao relatar os fatos, o poeta precisou utilizar determinados procedimentos para respeitar questões de verossimilhança, como, por exemplo: os acontecimentos posteriores ao ano em que situa a ação são colocados na forma de profecia, pois as almas possuem o dom de prever o futuro. No Inferno, os condenados detêm a lembrança do passado, podendo antever o futuro, mas nada sabem do presente. Esse é o caso do pai do poeta Guido Cavalcante, amigo de Dante, que, ao vê-lo chegar, se ergue do túmulo incandescente, pensando que seu filho o está acompanhando e, ao constatar o seu engano, pede notícias dele, desejando, ansiosamente, saber se ainda vive (Inf., X, 55-60).

Em vários momentos, o exílio do poeta é profetizado, tanto no Inferno quanto no Purgatório e no Paraíso. No Inferno, há as profecias de Ciacco (Inf., VI, 70-72); de Farinata (Inf., X, 22-23 e 79-82); e de Bruneto Latini (Inf., XV, 70-71). No Purgatório, elas ocorrem nas insinuações de Conrado Malaspina (Purg., VIII, 133-139) e do pintor Oderísio de Gúbio (Purg. XI, 139-142). Quando se encontra com seu trisavô Cacciaguida, no Paraíso, o poeta lhe fala a respeito das previsões que ouvira, e lhe pede para falar sobre o temido acontecimento futuro.

Assim, seu ancestral descerra o véu do que ainda está oculto no ano de 1300 – o exílio de Florença (Par., XVII, 44-96).

Na *Commédia*, há intenso anacronismo, pois o poeta mistura, no mesmo cenário, seres reais e fictícios, de épocas diferentes, como, por exemplo, pessoas do mundo antigo e de sua própria época. Há uma memória cultural, uma vez que resgata a Antiguidade Greco-romana (filósofos, poetas, figuras históricas, entidades mitológicas, etc.), bem como a situação histórica de seu próprio tempo (reis, papas, imperadores, conflitos políticos, etc.). Existe também uma memória individual (o encontro com seus afetos pessoais e com seus desafetos políticos).

No tocante à recriação artística de seres pertencentes à memória familiar ou ao universo afetivo, destacamos o músico florentino Casella, que ele encontra na praia do Purgatório (II, 76-118) e que tinha musicado seu poema “Amor que em minha mente conjetura” (*Convívio*, *Trattato Terzo*) e que Dante sente desejos de ouvi-lo cantar novamente, como o fizera em Florença; seu mestre da juventude Bruneto Latino (Inf., XV, 22-120); seu trisavô Cacciaguida (Par., XV-XVIII): e, principalmente, sua amada Beatrice. Há também fatos ocorridos em sua época que tiveram para ele grande relevância afetiva, como o extermínio dos Templários.

Ao nos voltarmos para a questão dos Templários, investigamos sua presença no texto, seja manifesta ou velada, bem como utilizamos dados extra literários. É temerário tentar penetrar nas intenções do autor ao conceber uma obra literária, com a utilização de imagens, símbolos, associações, fatos, etc, pois seus significados concernem somente a ele, impossibilitando-nos de inquiri-lo a esse respeito. Mesmo que isso fosse possível, estaríamos nos desviando da obra enquanto objetividade propriamente dita, pois, ao desligar-se do criador, passa a ter uma existência autônoma.

No Purgatório, quando Dante e Virgílio, acompanhados do poeta Estácio, seguiam pela borda da sétima e última cornija, onde ardiam no fogo os luxuriosos, Virgílio adverte o poeta florentino de que vai atravessar o fogo, fato que lhe causa grande terror:

“Só se prossegue aqui sob os tormentos
da labareda! Vinde, presto, entrando,
e às vozes do outro lado estai atentos!”

Assim nos disse, as chamas apontando:
correu-me um frio pela espinha inteira,
como ao que à fossa, em pranto, vai baixando.

Cerrando as mãos, quedei-me, esquivo à beira,
a olhar o incêndio, e a recordar assim,

Os que vira morrer sobre a fogueira.

(Pur., XXVII, 10-18, grifos nossos)

Virgílio o estimula a submeter-se a essa última grande prova, lembrando-lhe todo o sofrimento que havia passado ao longo de sua trajetória pelo Inferno, advertindo-o que não deveria esmorecer no momento em que estava prestes a ascender ao Paraíso, onde encontraria Beatrice. Essa passagem está situada no ano de 1300 no universo ficcional, mas o poeta, no momento em que escreve a cena, é provável que já houvesse presenciado, no mundo da realidade objetiva, o suplício dos Templários, que iria ocorrer catorze anos depois (“os que vira morrer sobre a fogueira”).

Há referências de que Dante Alighieri, em 1314, encontrava-se em Paris e tenha acompanhado o processo de Jacques De Molay e Geoffroy de Charney, e também houvesse presenciado, na tarde de 18 de março, a morte na fogueira do Grão Mestre Templário e seu companheiro. Ao ver membros da Ordem tão cruel e injustamente punidos, além da mais profunda comoção, depara-se com a possibilidade de ele também ser queimado nas chamas. Filipe, o Belo, que veio a morrer somente em 1314, é mencionado quando os poeta se encontram no quinto terraço do Purgatório, onde se encontram os avarentos estendidos no solo:

Vejo o *novo Pilatos*, tão cruel,
que não saciado ainda, *sem decreto*,
impõe ao Templo sua mão infiel.

Quanto, Senhor, há de ser dileto
ver chegada a vingança que, escondida,
se aninha em teu desígnio alto e secreto!

(Purg., XX, 91-96, grifos nossos)

Quem fala nos versos acima é Hugo Capeto, que passa a fazer vaticínios e se apresentara ao poeta como “a raiz da planta malsinada” (Purg., XX, 43), ou seja, a origem da dinastia que assolava a cristandade no momento em que fala (1300). O “novo Pilatos” é Filipe IV, cuja cobiça causaria muitos males. Esse rei teria inspirado o atentado contra o papa Bonifácio VIII, cuja residência fora invadida pelo embaixador do monarca, Guilherme Nogaret e por Sciarra Colona, que o acompanhava. O papa foi aprisionado e conduzido para Roma, onde morreu. Não satisfeito com todos os seus erros, ele exterminaria os Templários “sem decreto”, isto é, sem apoio na lei, e desconsiderando o fato de serem uma ordem religiosa, que deveria ser julgada exclusivamente pela Igreja e não por um monarca. que, a rigor, precisaria ater-se às questões do reino.

No canto XXXII do Purgatório, quando Dante se encontra no Paraíso Terrestre, há uma passagem em que assiste a uma procissão alegórica, cujos componentes necessitam ser interpretados.

E, bem ao centro, ergueu-se de repente
semi-desnuda prostituta, o olhar
 volvendo em derredor, lascivamente.

A seu lado, em postura de a vigiar,
 estava um *enormíssimo gigante*,
 que se curvava para a acariciar.

Como ela me fitasse, o rude amante,
 suspeita e ódio a um tempo demonstrando,
 cobriu-a de pancadas delirante.

E logo o carro da árvore soltando,
para o bosque o levou denso e fechado,
 assim aos nossos olhos ocultando

a prostituta e o monstro recém criado.
 (Purg., XXXII, 148-160, grifos nossos)

Segundo notas explicativas de Cristiano Martins aos versos 149 e 152, a “semi-desnuda prostituta” seria provavelmente a Cúria Romana, tal como o poeta florentino a considerava no ano de 1300. A cena é composta por elementos altamente degradados – a representação de um rei como um gigante lascivo e ciumento, que oculta sua amante dos olhos do poeta peregrino.

Nos versos seguintes, há a utilização do mesmo tipo de símbolos. O gigante solta o carro e se embrenha com ele pelo bosque, para representar, muito provavelmente, ainda segundo notas de Martins, a futura mudança da Cúria papal de Roma para a França (Avinhão), que iria se realizar anos depois, em virtude de um acordo entre Filipe, o Belo e o sucessor de Bonifácio VIII, Papa Clemente V. Lembramos o nefasto papel que o papa Bonifácio VIII teve no exílio do poeta e o fato de Clemente V exterminar a Ordem do Templo.

O Papa Clemente V, que estava vivo em 1300, vindo a morrer em 1314, é mencionado no círculo VIII do Inferno, o dos fraudulentos, dividido em dez valas ou fossos. Na terceira vala, encontram-se os simoníacos, traficantes das coisas sagradas, onde são punidos vários papas. Os condenados estão enterrados em túmulos cavados na rocha, de cabeça para baixo,

com os pés envolvidos pelas chamas. Nos versos abaixo, quem fala a Dante é o papa Nicolau III, que, ao vê-lo aproximar-se, o confunde com o papa Bonifácio VIII.

“Tão cedo assim”, gritou-me, “e já estás vindo,
e já estás vindo, Bonifácio, a jeito?
A profecia acaso andou mentindo?
(Inf., XIX, 52-54)

Bonifácio VIII era o papa que reinava no ano de 1300, e Nicolau III sabia que sua chegada era aguardada naquele local, mas não “tão cedo”, e imagina que tenha existido um erro seu de cálculos no cumprimento da profecia. Posteriormente, irá explicar de que forma os suplícios se efetivavam:

“Sob o meu crânio jazem, mais ao fundo,
os que me precederam simoniando,
disseminados pelo vão rotundo.

A eles irei juntar-me, embaixo, quando
aquele enfim chegar, que eu supusera
já fosses tu, ao ver-te caminhando.

E aqui não estará mais tempo à espera
do que eu estive, na postura inversa,
a cozinhar os pés nesta cratera.

Em seguida virá *a alma perversa*
de um pastor lá das partes do Ocidente,
para, por sua vez, ficar submersa.

Novo Jasón será, e, exatamente,
Como se lê nos Macabeus, ungido
Por vontade do rei francês potente.”
(Inf., XIX, 75-87, grifos nossos)

Nicolau III explica ao poeta que, sob seu crânio, já que está de cabeça para baixo, jazem, no fosso profundo os simoníacos, ele ocupa uma posição em que se vê suas pernas e seus pés, devorados pelas chamas, até que Bonifácio VIII venha ocupar o seu lugar, quando irá fazer companhia aos demais na cavidade cravada na rocha. Bonifácio VIII ali permanecerá até que chegue para rendê-lo, “a alma perversa/ de um pastor lá das partes do Ocidente”, ou seja, o papa Clemente V.

O papa Clemente V é chamado de “novo Jasón” porque, segundo esclarecimento de Cristiano Martins, em nota explicativa ao verso 85, do Canto XIX, no livro dos Macabeus, o rei Antíoco, da Síria, por mero capricho, resolvera transformar Jasón em sumo-sacerdote. Aqui é estabelecida uma analogia com o procedimento de Filipe, o Belo que, movido por interesses escusos, empenhou-se para transformar o Arcebispo de Bordeaux, Bértrand de Sout no papa Clemente V.

O Inferno diz respeito à Queda do homem que, deixando que sua consciência se entorpeça afasta-se do caminho do bem. Quando fala da selva escura, de onde descerá para o mundo infernal, Dante diz: "Como entrei, não sei; era cheio de sono àquele instante/ em que da estrada real me desviei. (Inf., I, 10-12). Lá terá contato com todas as iniquidades humanas. No Purgatório, ele irá se purificar para poder penetrar nos Céus.

A ascensão de Dante aos dez Céus é análoga às esferas da Árvore da Vida – Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno e os três Céus superiores¹⁰. No tocante a sua ligação com os Templários e com o conhecimento hermético, destacam-se encontros do poeta com Alberto Magnus, Rei Salomão, São Francisco e Carlos Magno, os quais foram grandes iniciados.

No Céu de Marte, encontram-se aqueles que morreram pela fé, combatendo os infiéis. A luz dos que lutaram pela Fé forma uma cruz branca como a Via-Láctea, que se ergue sobre o fundo vermelho de Marte. O poeta usa o símile da estrela cadente cortando o céu, para expressar o movimento de um bem-aventurado, que se desloca do braço direito da cruz até a sua base, para recepcionar Dante, seu ente querido, por ele esperado. Trata-se do pungente encontro do poeta com Cacciaguida, seu trisavô, episódio que se desenrola ao longo dos cantos XV, XVI, XVII e XVIII.

Por esclarecimentos prestados por Cacciaguida, deduz-se que tenha nascido no ano de 1107. Ele seguiu o Imperador Conrado na segunda cruzada, em que morreu combatendo pela Fé, provavelmente em 1147. O antepassado do poeta faz uma longa explanação sobre a Florença de seu tempo, evocando nostalgicamente uma cidade que vivia com simplicidade, antes que lutas sangrentas e conflitos viessem a lhe perturbar a paz e lhe propiciar a decadência moral. Ao mencionar vários nomes, Cacciaguida fala de Godofredo de Bouillon, líder militar da Primeira Cruzada, conquistando a Terra Santa das mãos dos infiéis, constituindo-se, portanto, no idealizador da Ordem dos Templários.

Outro aspecto digno de nota, é a alusão a “vestes brancas”, nos versos abaixo transcritos:

¹⁰ Disponível em: <https://www.deldebbio.com.br/dante-alighieri-e-o-esoterismo-templario/>. Acesso em: 20 maio 2019.

Depois o teu irmão, mais amplamente,
no ponto em que tratou das *alvas vestes*,
esta revelação tornou patente.
(Par., XXV, 94-96, grifos nossos)

fui por Beatriz levado, a qual, sorrindo,
me disse: “Eis ao redor a multidão
das almas, a *alva estola* revestindo
(Par., XXX, 127-129, grifos nossos)

No primeiro fragmento, Dante tem diante dele São Tiago, que lhe falará sobre a Esperança. O poeta, quando diz “teu irmão”, está se referindo a São João Evangelista que, no *Apocalipse* (VII, 13-14), declara que os bem-aventurados vestiam branco. No segundo, é Beatriz quem esclarece a cor das vestes das almas. Reiteramos a afirmativa de Hilário Franco Junior (1986, p. 46), quando diz que Dante Alighieri está fazendo alusão tanto ao hábito branco dos Templários como o dos afortunados do *Apocalipse*.

É relevante o fato de Dante Alighieri transformar Bernardo de Clairvaux em seu terceiro guia, pois, como afirmamos, São Bernardo tornou-se um defensor do ideal templário, responsável por fazer chegar ao papa Honório II a informação sobre o objetivo dos monges guerreiros, obtendo o reconhecimento e o apoio da Igreja Católica, além de ter sido incumbido de redigir os estatutos da Ordem do Templo.

Já no Empíreo, o Céu propriamente dito, sede do próprio Deus, Dante contempla a imensa rosa, formada pelas almas dos bem-aventurados e dos anjos que revoam em torno dela. Há um momento em que o poeta procura por Beatrice e não a encontra, é quando surge diante dele a figura de São Bernardo:

em lugar de Beatriz, um velho eu via,
trajando tal e qual a mais da gente.

A luz do bem no rosto lhe incidia,
e no gesto lembrava, quando o olhei,
o pai que com carinho ao filho guia.

“Onde está ela?” – ansioso perguntei.
“Por explicar-te”, disse, “este esplendor,
a rogo de Beatriz me aproximei.

Podes vê-la na parte superior,
no giro ali terceiro, a fulgurar,

sobre o trono erigido ao seu valor.”

(Par., XXXI, 59-69, grifos nossos)

São Bernardo de Clairvaux é descrito como alguém em quem “a luz do bem no rosto lhe incidia”, e é comparado a um pai que guia o filho com carinho. Assim, o patrono dos Templários conduz seu filho Dante, a pedido de Beatrice, na etapa mais importante do Paraíso. Ressaltamos a comparação que o poeta faz para explicar o que sentiu ao certificar-se de quem estava diante dele:

Qual peregrino que, da Croácia fria,
vem por ver a Verônica, e no antigo
desejo de fitá-la se extasia,

e treme, e não se afasta, e diz consigo:

“Ó Senhor Jesus Cristo, ó Deus veraz,
enfim contemplo o teu semblante amigo”

(Par., XXXI, 103-108)

Da mesma forma que um peregrino, indo de uma terra longínqua, que ele denomina como “Croácia fria”, para ver a Verônica, ou seja, o sudário em que foi impresso o rosto de Cristo, guardado como relíquia na Basílica de São Pedro, em Roma, e que, ao contemplá-lo se extasia, ele tem a mesma sensação ao ser colocado diante do criador dos estatutos da Ordem do Templo.

Bernardo de Clairvaux descreve para o poeta a composição da rosa paradisíaca. A seguir, no início do canto XXXIII, o santo de Clairvaux faz uma longa oração à Mãe de Deus, rogando-lhe que prepare o poeta para a contemplação da essência divina.

No canto anterior, há um terceto digno de nota: “Agora fita o olhar que o olhar de Cristo /com tanta semelhança em si copia,/que nele podes ver o próprio Cristo” (Par., XXXII, 85-87). Jesus Cristo é a figura máxima do cristianismo, mas, se observarmos com mais atenção, a Virgem Maria assume uma relevância que se **equipara** e, até **mesmo**, excede a de seu próprio Filho. No trecho transcrito, Dante é solicitado a olhar para a Virgem Maria, cujo semblante se assemelha tanto ao de seu Filho, que ele próprio pode ser contemplado por meio de sua Mãe. Essa devoção à eminente figura feminina do cristianismo cultivada pelos Templários tem estrita relação com o culto à mulher entre os *Fedeli d'Amore*.

O culto à Mãe de Deus praticado com fervor pelos Templários diz respeito também a Dante, que assegura a intercessão dela, bem como a de Santa Luzia e de Beatrice, para tirá-lo da selva escura, a fim de realizar a viagem aos três reinos do além-túmulo, assegurando-lhe a salvação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção literária do poeta florentino, há a intenção de comunicar uma mensagem secreta, espiritual, o que faz com que se constitua em exemplo significativo de uma tendência que considera a arte, sobretudo a literatura, como reveladora de uma teologia, uma metafísica e, até mesmo, de uma soteriologia.

Como Templário, Dante legou-nos aspectos da sua hermética tradição na *Commedia*. No tocante ao Direito e às leis, há a falência da justiça, que atinge diretamente duas figuras eminentes que deveriam estar a serviço do bem e da verdade – o papa e o rei. Mas a Igreja, enquanto instituição, está a serviço de interesses materiais e políticos. O papa, que deveria ater-se às questões espirituais, compactua com monarcas como Filipe, o Belo, que não hesitou em exterminar a Ordem do Templo para alcançar seus objetivos.

Concebendo a ideia de uma viagem aos três reinos, o poeta, resgata a Ordem do Templo, apresentando-a como vítima de Filipe IV, do papa Clemente V, de Nogaret e da Inquisição. Na *Commedia*, Dante Alighieri corrige a história, libertando a Ordem da injustiça das leis temporais, apresentando-a à luz da justiça divina, em princípio, inquestionável.

O poeta florentino testemunhou, impotente, a perseguição e extinção da Ordem do Templo, revoltado e munido do mais profundo senso de justiça, deixou para a posteridade um depoimento sobre as mais puras intenções dos Templários. E fê-lo magistralmente na obra-prima que marcou a literatura universal – a *Commedia*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGUIERI, Dante. *A divina comédia*. 2. ed. Trad. Cristiano Martins. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. 2 v.

ALIGUIERI, Dante. *Da monarquia; Vida nova*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ALIGUIERI, Dante. *Tutte le opere*. Roma: Newton Compton Editori, 2011.

AUBERT, Eduardo Henrik. *Vidas de Dante: escritos biográficos dos séculos XIV e XV*. Seleção, tradução, introdução e notas. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. rev. e aum. São Paulo: Paulus, 2010.

BLACK, Jonathan. *A história secreta de Dante: revelando os mistérios do Inferno na vida real*. Trad. Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BLACK, Jonathan. *A história secreta do mundo*. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

BONNELL, Robert. *Dante, o grande iniciado: uma mensagem para os tempos futuros*. Trad. Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas: de Maomé à Idade das Reformas*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. t. III.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Dante: o poeta do absoluto*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUÉNON, *O esoterismo de Dante*. Lisboa: Vega, 1978.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LEWIS, R.W.B. *Dante*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

RODRIGUES, Letícia Cristina Alcântara. *Configurações do espaço e representação do eu-peregrino na Commedia de Dante Alighieri* [e-book]. Goiânia: Ed. UFG, 2022, 2022. (Coleção Expressão Acadêmica)

SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. Templários de ontem e de hoje. In: SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. *Sociedades secretas: sociedades secretas iniciáticas e criminosas; v. II*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse, 2008. p. 90-95.

SILVA, Pedro. *História e mistérios dos Templários*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

VALLI, LUIGI. *Il linguaggio segreto di Dante e dei Fedeli d'Amore*. Milano: Luni Editrice, 2007.

Idioma original: Português
Recebido: 10/06/22
Convidado